

Recepção do Romantismo francês no Brasil por meio da imprensa oitocentista: o papel das revistas literárias na divulgação da estética francesa entre os românticos paulistas.*

Natália Gonçalves de Souza Santos[†]

RESUMO

Após o Brasil tornar-se independente de Portugal, a França ocupou o lugar de um dos principais interlocutores da jovem nação fundada em 1822, fornecendo modelos culturais cuja adoção significava a afirmação do desligamento em relação à ex-metrópole e a possibilidade de trilhar outros caminhos estéticos. Grande parte da divulgação das ideias francesas entre nós deu-se por meio da imprensa, que possibilitou o contato com obras literárias, críticas ou científicas, as quais foram, em alguns casos, traduzidas e/ou adaptadas por autores brasileiros.

Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é analisar como o escritor romântico brasileiro Álvares de Azevedo (1831 – 1852) apropriou-se do material divulgado por periódicos franceses em circulação no Brasil para elaborar suas opiniões críticas, manifestadas em ensaios parcialmente publicados em jornais acadêmicos de São Paulo. A comunicação pretende analisar dois artigos constituídos por traduções comentadas de obras francesas: “George Sand: Aldo o rimador” e “Alfredo de Musset: Jacques Rolla”. O fato de os textos traduzidos por Azevedo terem sido publicados num mesmo número da *Revue des deux mondes* (1833) sugere que ela tenha sido a fonte consultada por ele, além da presença de citações e paráfrases de artigos de teor crítico que sinalizam a leitura desse e de outros periódicos europeus.

As fontes consultadas pelo autor permitem refletir sobre a maneira como a estética romântica se constitui no Brasil a partir de modelos divulgados por periódicos franceses. As revistas literárias são o ponto de partida para um verdadeiro debate, já que um mesmo exemplar poderia conter a obra literária, manifestos dos artistas contemporâneos e pontos de vista contrários à nova estética, fornecendo um panorama dinâmico da intelectualidade francesa do século XIX. Assim, à medida que os escritores brasileiros, como Azevedo, aderem, problematizam ou mesmo refutam as proposições europeias, possibilita-se a constituição de uma identidade intelectual brasileira.

PALAVRAS CHAVE: Literatura brasileira; Romantismo; periodismo literário; Álvares de Azevedo.

** As traduções do francês presentes ao longo deste texto são de nossa autoria.

[†] Doutoranda pelo Programa de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo (Brasil), bolsista FAPESP. Realizou, entre 2014 e 2015, estágio de pesquisa na Université Paris 8 – Vincennes/Saint-Denis, com auxílio da CAPES, objetivando investigar as revistas literárias francesas que circulavam no Brasil do oitocentos. É autora do livro *Antagonismo e dissolução: o pensamento crítico de Álvares de Azevedo* (2014), fruto de sua dissertação de mestrado e publicado pela editora Humanitas (FFLCH/USP).

Essa comunicação insere-se no quadro de minha pesquisa de doutorado intitulada “Um leitor inconformado: Álvares de Azevedo e o periodismo do século XIX”, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo, orientada pelo Prof. Dr. Eduardo Vieira Martins e financiada pela FAPESP.

O objetivo principal dessa pesquisa é o estudo da recepção de textos que circulavam, sobretudo, por meio da imprensa, nacional e estrangeira, pelo escritor romântico Álvares de Azevedo, em seus ensaios críticos. Nessa exposição, serão priorizados os ensaios “Alfredo de Musset: Jacques Rolla” e “George Sand: Aldo o rimador”, que apresentam traduções comentadas dos poemas aludidos. Dar-se-á ênfase não só à leitura que o autor fez destes textos ficcionais, mas principalmente à que fez dos paratextos, os quais lhe franquearam uma abordagem específica do texto literário e certamente contribuíram para sua posição ímpar diante do projeto literário hegemônico do Romantismo brasileiro.

O grande desenvolvimento que a imprensa conheceu ao longo de todo o oitocentos se deu em diversos níveis, tanto estruturais, quanto sociais, fazendo com que ela se tornasse mais que um veículo de comunicação, em escala mundial, mas um agente doutrinador. A possibilidade de acesso a diversos produtos culturais por meio desse veículo é importante para Álvares de Azevedo e para a toda a elite letrada brasileira do século XIX, que via na interlocução com a Europa e na apropriação de produtos culturais provenientes desse continente, o caminho para o fortalecimento de nosso meio intelectual pós-independência.

O lugar da cultura nesse momento de apogeu da imprensa é valorizado através da eclosão das revistas na primeira metade do século, um tipo de publicação que se encontra, grosso modo, entre a imediatez do jornal e o aprofundamento do livro. Dentro dessa atmosfera de maior possibilidade comunicacional, muitas delas se propuseram um papel de intermediação cultural, publicando matérias que apresentavam um panorama amplo e, por vezes, estereotipado, de diversos povos do mundo, formado a partir de sua literatura, cultura, política etc., o que resulta num esboço daquilo que podemos chamar, atualmente, de globalização. Dentre elas, a mais citada por Álvares de Azevedo é a *Revue des deux mondes*, periódico francês fundado em 1829, e que alcançou notável aceitação no seio da intelectualidade brasileira. A proposta de passagem cultural pode ser entrevista desde o seu título, bem como em sua linha editorial, exposta no primeiro

volume. Para os editores, “é importante então conhecer bem o que se passa ou que se passou com outros povos, a fim de adotar de suas instituições somente aquilo que possa ser aplicado a nossos costumes, nosso caráter, ao progresso de nossas luzes, à posição geográfica de nosso território.” (1829, p. I). Embora a revista objetive proporcionar a seus leitores conhecimentos sobre o estrangeiro, é inegável o cunho utilitarista e, por vezes, etnocêntrico de sua linha editorial, que se torna mais evidente em artigos que depreciam determinadas organizações sociais quando comparadas àquela que vigorava em território francês. É esse o caso do artigo de autoria do Conde de Suzannet, “Le Brésil en 1844”, redigido após viagem ao nosso país e que faz duras críticas à nossa sociedade e cultura, resultando em pedidos de retratação, por parte de leitores brasileiros, publicados em outros jornais da época (CAMARGO, 2007, p. 83).

Diante dessa perspectiva que, em mais de uma ocasião, desqualificou o meio cultural das Américas em comparação com a matriz europeia e prescreveu o exotismo e a cor local como as únicas possibilidades de fortalecimento para suas jovens literaturas,[‡] resta-nos refletir sobre qual seria a postura assumida por Álvares de Azevedo enquanto leitor desse periódico, já que, assim como outros intelectuais de seu tempo, ele também se preocupava com a constituição de nosso cenário intelectual. Porém, no que tange a sua poética, materializada em livros como a *Lira dos vinte anos* e *Macário*, e discutida em prefácios, sabe-se que o localismo não assume ali um lugar prioritário.

As duas obras discutidas por Azevedo nos dois ensaios que iremos analisar foram divulgadas num mesmo volume da RDM, em 1833. O poema “Rolla”, de Musset, conta a trajetória de um jovem cético, proveniente de uma camada média da sociedade francesa, que se entrega a uma vida errante, após o recebimento da herança paterna. Em apenas três anos, ele esgota todos os seus meios de subsistência em banquetes e jogos. Então, sem vislumbrar nenhuma possibilidade de trabalho, por falta de talento e/ou vontade, ele decide matar-se num prostíbulo, no qual pretende gastar suas últimas moedas. Lá, encontra Marion, menina prostituída pela própria mãe devido à pobreza em

[‡] Sobre essa imposição, é possível citar o artigo de Philarètes Chasles, “De la littérature dans l’Amérique du Nord”, de 1835, no qual o autor, ao fazer um levantamento dos expoentes literários deste país, afirma que eles só podem despertar o interesse dos europeus quando circunscritos à cor local. A partir do momento em que tais escritores resolvessem retratar aquilo que havia do outro lado Atlântico, caso de Fenimore Cooper em alguns de seus romances, o resultado seria a mais completa mediocridade, já que o assunto retratado faria parte dos já muito conhecidos e explorados pelos escritores europeus. Cf. Chasles, P. “De la littérature dans l’Amérique du Nord”, *Revue des deux mondes*, p. 193 e 194.

que ambas se encontravam. É nos braços dela que o jovem experimenta seu primeiro e derradeiro minuto de amor verdadeiro, antes de ingerir o veneno que o mata.

O drama *Aldo le rimeur*, de George Sand, narra os insucessos de um jovem poeta miserável, desde a sua luta pela sobrevivência e pela glória poética frente às leis do mercado, o que ocasiona a morte de sua mãe devido à falta de recursos, até o encontro misterioso com a rainha Agandecca e seu acolhimento no palácio real. Mesmo sob a proteção da soberana e obtendo a estima da corte, o poeta não se isenta das dúvidas existenciais e do seu deslocamento em relação às estruturas da sociedade, considerando a possibilidade de matar-se para ver-se livre de suas angústias. O que o dissuade momentaneamente de tal intento é a conversa com o astrólogo da rainha, o Dr. Acroceronius, que o convida para admirar um eclipse lunar. A última cena descreve o percurso de ambos rumo à montanha que garantia um melhor ponto de observação do fenômeno, conferindo a essa obra um final aberto e enigmático.

O elemento que Azevedo destaca no poema de Musset são os aspectos antitéticos presentes na sua constituição, especialmente a oposição fé/descrença, o que sugere que ele quer apresentar uma obra que se valia da teoria dos contrastes, cujo maior expoente na França foi Victor Hugo, e da qual o poeta brasileiro também fez uso. Em “George Sand: Aldo o rimador”, os conflitos intrínsecos da individualidade romântica são retomados de um outro ângulo: a do *status* da arte poética dentro da sociedade moderna e a sua recepção no seio desta. A luta que o poeta trava pelo reconhecimento de sua atividade como algo digno avulta-se na obra de Sand, delineando um contexto hostil às artes e à sensibilidade de uma forma geral.

Para além da tradução/divulgação das obras e da discussão proposta em torno dos problemas que elas levantam, é possível entrever uma perspectiva que orienta a abordagem dos dois poemas: nos seus ensaios, Álvares de Azevedo procura evidenciar os empréstimos que são feitos pelos autores analisados, assumindo, a nosso ver, um viés comparatista, totalmente lastreado pela RDM e pelo fortalecimento dos estudos de literaturas estrangeiras (ancestrais dos estudos de literatura comparada), publicados nessa mesma revista.

No ensaio sobre o poema de Musset, nota-se, desde o princípio, a intenção de marcar a sobreposição de diferentes civilizações na constituição de uma herança literária da qual o poeta francês não hesita em se servir. Preservando a análise baseada na teoria dos contrastes, o autor procura demonstrar que mesmo a literatura grega, base da civilização ocidental, já continha em si traços de outras culturas. Assim, ele inicia

seu artigo da seguinte maneira: “o gênio é como o Jano latino: tem duas faces. No Homero daquela Grécia inda vibrante das tradições selváticas dos autóctones – dos mitos romances dos Pelásgios, que a colonização Egípcia viera nublar do seu misticismo – há a *Iliada*; e [...] entre a tragédia com seu entrecabo épico, e a comédia em embrião com a sua sátira aristofânica [...], a *Odisséia*” (2000, p. 678). Contudo, o principal ponto de apoio do qual Azevedo se vale para tecer suas comparações é a poesia de *lord Byron*, especialmente no que tange ao sentimento de descrença que ela aporta, transfigurado no tom cético assumido pela personagem Rolla. Afinal, conforme o ensaísta, “no licor com que Musset purpuriza sua taça, sente-se o ressaibo dos vinhos queimadores de *Lord Byron*” (2000, p. 679). O poeta inglês, por sua vez, e de acordo com a leitura de Álvares de Azevedo, deixa aflorar os elementos gregos que apreendeu em sua estadia nesse país. Nesse sentido, Azevedo o descreve como “o homem que ia se embeber de poesia nas mesmas montanhas onde a poesia grega impregnara suas lendas imorredoiras [...]” (2000, pp. 700 e 701).

A utilização de termos como ‘ressaibo’, ‘embeber’, ‘impregnar’ evidencia a existência de um mecanismo de transmissão entre os poetas, que é altamente valorizado por Azevedo, sendo que, aquele que se encontra na ponta da cadeia, neste caso, Musset, não tem, em nenhum momento, sua produção literária diminuída por operar essa apropriação. Aliás, o poeta francês poderia até mesmo enriquecer-se ao ocupar esse lugar, à medida que, ao ler Byron, ele teria contato não só com o estilo do poeta inglês em si, mas também com a tradição grega da qual este se impregnara. Para Azevedo, “Alfredo de Musset é uma dessas almas de poeta, que se batizaram do ceticismo das ondas turvas de Byron. Não é um plagiário contudo – não é um árido imitador. – Mal fora dizer de seus poemas – eis aí uma cópia. [...] É uma ideia funda, como um líquido negro que se lhe injetou pelas artérias – uma vida febril de alheia seiva que se denuncia nas tintas” (2000, p. 679).

As relações de fonte/influência com as quais Azevedo está trabalhando são marcadas pela presença de metáforas hídricas como ‘onda’, ‘líquido’, ‘seiva’, que apontam tanto para a ideia de fluidez, quanto de circulação. Porém, ao mesmo tempo em que o crítico usa um conceito tradicional, totalmente cabível dentro do contexto no qual ele se insere, nota-se que o seu sentido é estendido, já que Alfred de Musset, mesmo que imbuído das leituras que faz, não teria diante delas uma postura passiva de recebimento, e nutre-se delas na criação de um novo objeto estético.

A ascendência de Byron se faz sentir também no estilo de George Sand, porém, em menor escala, segundo Azevedo, o que talvez o leve a eleger um outro autor para servir de contraponto em sua análise de *Aldo le rimeur*. Ele se vale, então, de uma peça de Alfred de Vigny, intitulada *Chatterton* (1835), poeta inglês cuja curta vida, permeada pelo escândalo do plágio poético e findada tragicamente pelo suicídio, tornou-se uma espécie de mito para muitos escritores românticos. O que se evidencia ao longo dessa comparação alvaresiana é que dois autores de mesma nacionalidade, Vigny e Sand, trabalham temática semelhante, desenvolvendo, entretanto, soluções narrativas distintas. Ou seja, a observação do jogo de influências, circunscrito ao mesmo país e ao mesmo período histórico, dá-se num quadro mais restrito, embora não menos significativo do ponto de vista dos empréstimos culturais, possibilitando que Azevedo procure evidenciar as semelhanças entre os textos. Para ele, “Aldo é, como Chatterton – um poeta que se acabrunha na miséria. Até aí a ideia de Sand se funde na de Alfredo de Vigny: - contudo, na justa entre o melodioso cantor de *Eloá* [...] e Sand ardente, a esta devia caber o laurel. O *Chatterton* que teve quarenta representações seguidas apesar de seu nenhum interesse *dramático* [...] é contudo uma sombra ante a riqueza bem imaginativa da criação do *Aldo*” (2000, p. 665).

A tradução alvaresiana se concentrará, sobretudo, em torno dos monólogos das peças, momentos de maior expressividade dramática, nos quais os protagonistas expõem suas crenças. Tal percurso vem reforçar a proximidade biográfica e ideológica dos dois personagens, ambos órfãos, de origem humilde, sensíveis em relação aos destinos da humanidade, à qual devotam uma confiança que não lhes é retribuída. Dessa forma, a diferença decisiva entre as obras residirá na cena final, que ele comenta nos seguintes termos: “Chatterton morria ao desespero: aquele ar mefítico da velha Inglaterra [...]. Quando Aldo, por aquela fria noite de inverno curvava a sua cabeça no abismo do suicídio [...], a ideia de morte que lhe vagava pela frente era uma ideia de desesperança como a de Chatterton; porém quando ele só nos terraços do palácio da rainha se prepara à morte, quando ele titubeia entre sua sede de sonhos e seu tédio de vida, em meio àquelas sombras vem ainda o hino da saudade.” (2000, p. 675) Para Álvares de Azevedo, George Sand opta por um desfecho que tende à distensão cômica, enquanto Vigny trabalha com a tensão patética. A originalidade das obras analisadas é, mais uma vez, ressaltada, demonstrando que Azevedo acredita ser possível o desenvolvimento de temas muito próximos por contemporâneos, que ainda assim contribuem para o enobrecimento da literatura pátria. O estudo da influência, nesse

caso, se ela realmente há, dá-se a partir do contato entre escritores de um mesmo país e de uma ideia emprestada do exterior, sugerindo que o olhar para o externo é fundamental para o desenvolvimento da literatura nacional.

Esse ambiente de circulação e trocas culturais encontrava-se favorecido pela RDM, não apenas por sua linha editorial, mas pelo vigor dos estudos de literaturas estrangeiras que estavam sendo desenvolvidos pelas universidades francesas e cujos professores tinham seus cursos frequentemente publicados pela *Revue*. Entre estes, destacamos os nomes de Jean-Jacques Ampère e Xavier Marmier, ambos citados por Álvares de Azevedo, no ensaio “Literatura e civilização em Portugal”, e grandes propagadores desses estudos na França.

A grande preocupação dessas pesquisas era prover o leitor francês de um conhecimento sobre literaturas estrangeiras, geralmente da Europa, baseando-se na filologia de origem alemã e em grandes quadros históricos comparativos, que vinham a ressaltar, por um lado, uma origem comum aos diferentes povos do continente, devido a ondas migratórias e, por outro, uma raiz linguística também comum, o grande tronco indoeuropeu. Xavier Marmier, num artigo publicado pela RDM, em 1836, elege os estudos filológicos como melhor ferramenta para análise dos fluxos migratórios dentro do continente, revelando parentescos inauditos. Segundo ele, “nós poderíamos fazer o mapa geográfico de todas essas línguas, segui-las como se fossem rios em suas sinuosidades, em suas conquistas, e, com base nos estudos filológicos, constatar a migração dos povos, melhor do que jamais foi feito por meio de outras aproximações.” (1836, p. 480).

As interligações étnicas e linguísticas resgatadas de um passado remoto apontam para uma sobreposição de diferentes culturas na composição da civilização europeia. Além disso, elas são intensificadas devido à dinâmica sofrida pelo continente naquele momento, mais intensa a partir do advento da Revolução Francesa, e que obrigou diversos povos a interagir. É justamente o despertar das nacionalidades que se acentua ao longo do oitocentos que fomentará o interesse pelo estrangeiro, resultando numa espécie de cosmopolitismo da diferença, que rompe com a hegemonia da cultura francesa, conforme pontuado por Georges Gusdorf: “À Cosmópolis intelectual sem fronteiras, à Europa da homogeneidade, sucede uma Europa das fronteiras e das diferenças” (1993, p. 290). O traço comum entre todos os povos europeus seria precisamente o fato de serem diferentes entre si, característica que deveria ser valorizada, pois mesmo a definição do nacional se daria por meio de um processo de

alteridade. A possibilidade de um intercâmbio, a partir dessa perspectiva, está posta e é desejada, ao menos num nível intelectual, como pode ser visto nessa passagem de Philarètes Chasles, publicada na *Revue de Paris*, em 1835: “Todo povo sem comércio intelectual com outros povos não passa de um fio rompido da grande rede” (1835, p. 250).

Diante de todo esse movimento de comunicação e de intercâmbio entre as literaturas matriciais, que Álvares de Azevedo lia nos artigos das revistas francesas, é possível que ele tenha pensado em valer-se do mesmo horizonte em sua crítica literária, a fim de alocar a literatura brasileira no movimento maior da literatura ocidental. Afinal, se escritores do porte de Byron, Musset, Sand e Vigny inspiraram-se em outras literaturas e fizeram empréstimos para construção de uma poética própria, por que não haveria de se passar o mesmo com uma literatura que estava se constituindo, como a brasileira? E é exatamente esse o questionamento que ele coloca em “Literatura e civilização em Portugal”, ao refletir sobre “que lucro houvera – se ganha a demanda – em não quereremos derramar nossa mão cheia de joias nesse cofre mais abundante da literatura pátria; por causa de Durão, não poderemos chamar Camões nosso [...]” (2000, p. 715). A ‘demanda’ aludida na citação é justamente a da independência literária, em prol da qual diversos escritores votaram obras literárias e ensaísticas. A manutenção de um vínculo com a literatura portuguesa, aqui chamada de literatura pátria, através da língua, garante a Azevedo uma parte legítima de toda a herança europeia aventada pelos teóricos das literaturas estrangeiras, sob a qual se poderia erigir as bases de nossas letras. Assim, ele pode se colocar como mais um elo na cadeia de transmissão cultural, o que fez com que ele visualizasse o projeto localista do romantismo brasileiro como limitador.

Conclui-se, portanto, que a recepção dos periódicos franceses por Álvares de Azevedo propiciou não só a possibilidade de leitura e debate de textos literários produzidos pelos autores do Romantismo francês, mas também o contato com textos teóricos que contribuíram com seu embasamento, na formulação de uma proposta crítica que vai na contramão do projeto central da literatura brasileira no século XIX e mesmo de algumas proposições desses mesmos periódicos.

Bibliografia resumida

Fontes primárias

AZEVEDO, Álvares de. *Obra completa*. Org. Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.

CHASLES, Philarètes. “Cours de M. Philarète Chasles à L’Athénée: Littérature étrangère comparée (séance d’ouverture). *La Revue de Paris*. Tome XIII, nouvelle série, 1835, pp. 238 a 262.

_____. “De la littérature dans l’Amérique du Nord”. *Revue des deux mondes*. Tome III, quatrième série. Paris: Aux bureaux de la RDM, 1835, pp. 169 a 202.

MARMIER, Xavier. “Lettres sur l’Islande. V. Langues et littératures”. *Revue des deux mondes*. Tome VIII, quatrième série. Aux bureaux de la RDM, 1836, pp. 478 a 494.

MUSSET, Alfred de. “Rolla”. *Revue des Deux Mondes*. Tome III, deuxième série. Paris, 1er juillet, 1833, pp. 369 a 393.

SAND, George. “Aldo le rimeur”. *Revue des Deux Mondes*. Tome III, deuxième série. Paris, 1^{er} juillet 1833, pp. 473 a 512.

VIGNY, Alfred de. *Chatterton*: drame. 5e édition. Paris: Librairie Larousse, 1941.

Fontes secundárias

CAMARGO, Katia Aily Franco de. *A Revue des Deux Mondes: intermediária entre dois mundos*. Natal: UDUFRN, 2007.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos, 1750-1880*. 10ªed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

_____. “Literatura comparada”. In:_____. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

DANTAS, Luiz. “Letras Brasileiras na Revue des Deux Mondes”. In: *Aquém e além mar: relações culturais: Brasil e França*. Sandra Nitri (org.) São Paulo: Hucitec, 2000, pp. 133 – 148.

ESPAGNE, Michel. *Le paradigme de l’étranger: les chaires de littérature étrangère au XIXe siècle*. Paris: Les éditions du CERF, 1993.

GARMES, Hélder. *O Romantismo Paulista: Os Ensaio Literários e o periodismo acadêmico de 1833 a 1860*. São Paulo: Alameda, 2006.

GUSDORF, Georges. *Le romantisme I: le savoir romantique*. Paris: Éditions Payot & Rivages, 1993.

RÉGNIER, Philippe. “Littérature nationale, littérature étrangère au XIXe siècle. La fonction de la Revue des deux mondes entre 1829 et 1870”. In *Philologiques III: Qu’est-ce qu’une littérature nationale? Approches pour une théorie interculturelle du champ littéraire*. Sous la direction de Michel Espagne et Michael Werner. Editions de la maison des sciences de l’homme: Paris, 1994. pp. 289 a 314

SOUZA, Roberto Acízelo de. “A crítica literária no Brasil oitocentista: um panorama”. In CORDEIRO, R. (Org.) *A crítica literária brasileira em perspectiva*. Cotia, SP: Ateliê, 2013.